

# Biografia

**Álvaro Barreirinhas Cunhal** (Coimbra, 10 de Novembro de 1913- Lisboa, 13 de Junho de 2005) foi um político e escritor português, conhecido por ser um dos mais importantes resistentes ao Estado Novo, e ter dedicado a vida ao seu ideal comunista.

Álvaro Cunhal nasceu em Coimbra (na freguesia da Sé Nova), filho de Avelino Henriques da Costa Cunhal, advogado, liberal e republicano, natural de Seia, e de Mercedes Simões Ferreira Barreirinhas Cunhal, católica fervorosa.

A sua infância decorreu em Seia. O pai retirou-o da escola primária porque não queria que o filho «aprendesse com uma professora primária autoritária e a menina-de-cinco-olhos»

Com 11 anos, Cunhal mudou-se com a família para Lisboa, onde fez os seus estudos secundários, no Liceu Camões tendo seguidamente ingressado na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, onde iniciou a sua actividade revolucionária.

Em 1931, com dezassete anos, filia-se no partido Comunista Português (PCP) e integra a Liga dos Amigos da URSS e o Socorro Vermelho Internacional.

Em 1934, é eleito representante dos estudantes no Senado da Universidade de Lisboa.

Em 1935 é eleito secretário-geral da Federação das Juventudes Comunistas.

Em 1936, após uma visita à URSS, é cooptado para o Comité Central do Partido Comunista.

Ao longo da década de 30, Cunhal foi colaborador de vários jornais e revistas como a *Seara Nova* e o *O Diabo*, e nas publicações clandestinas do PCP, o *Avante* e *O Militante*, onde escreveu artigos de intervenção política e ideológica.

Em 1940, Cunhal é escoltado pela polícia à Faculdade de Direito, onde apresenta a sua tese de licenciatura em Direito, sobre a temática do aborto e a sua despenalização, tema pouco vulgar para a época em questão. A sua tese, apesar do contexto político pouco favorável, foi classificada com 16 valores (num máximo de 20 possíveis).

Devido aos seus ideais comunistas e à sua assumida e militante oposição ao Estado Novo, esteve preso em 1937, 1940 e 1949-1960, num total de 13 anos, 8 dos quais em completo isolamento. A 3 de Janeiro de 1960, Cunhal, juntamente com outros camaradas, todos quadros destacados do PCP, protagonizaram a célebre " fuga de Peniche", possível graças a um planeamento muito rigoroso e a uma grande coordenação entre o exterior e o interior da prisão.

Em 1962 é enviado pelo PCP para o estrangeiro, primeiro para Moscovo, depois para Paris. Ocupou o cargo de secretário-geral do Partido Comunista Português, sucedendo a Bento Gonçalves, entre 1961 e 1992, tendo sido substituído por Carlos Carvalhas. Em 1968, Álvaro Cunhal presidiu à Conferência dos Partidos Comunistas da Europa Ocidental, o que é revelador da influência que já nessa altura detinha no movimento comunista internacional. Neste encontro, mostrou-se um dos mais firmes apoiantes da invasão da então Checoslováquia pelos tanques do Pacto de Varsóvia, ocorrida nesse mesmo ano.

Álvaro Cunhal e outros dirigentes comunistas no Porto, a 5 de Maio de 1982, presentes no desfile e funeral de dois operários antifascistas mortos a tiro pela Polícia de Choque na véspera do 1º de Maio. Regressou a Portugal cinco dias depois do 25 de Abril de 1974.

Foi ministro sem pasta no I,II,III e IV governos provisórios e também deputado à Assembleia da República entre 1975 e 1992.

Em 1982 tornou-se membro do Conselho de Estado, abandonando estas funções dez anos depois, quando saiu da liderança do PCP.

Além das suas funções na direcção partidária, foi romancista e pintor, escrevendo sob o pseudónimo de Manuel Tiago, o que só revelou em 1995.

Nos últimos anos da sua vida sofreu de galucoma, acabando por cegar.

Faleceu em 13 de Junho de 2005, em Lisboa, e no seu funeral (a 15 de Junho), participaram mais de 250.000 pessoas. Por sua vontade, o corpo foi cremado.

Deixou como descendência uma filha, Ana Cunhal, nascida em 25 de Dezembro de 1960, fruto da sua relação com Isaura Maria Moreira.

Álvaro Cunhal ficou na memória como um revolucionário que nunca abdicou do seu ideal.